

capitulo de um assumpto diverso, mas em relação com o título da obra;

—que no “Bulletin de Therapeutica” que se publica em Pariz, redigido por diversos professores, onde figura o nome illustre de Buchardat, acha-se, sob o título de “Nota sobre as plantas uteis do Brasil”, o começo de um trabalho do Sr. Barão de Villa Franca com o fim de fazer conhecido naquelle paiz e fora delle as diversas e variadissimas especies de productos de nossa flora, constituindo assim uma fecunda transacção proveitosa não só a sciencia como ao commercio e a humanidade;

—que a subscripção promovida no Rio de Janeiro para um monumento ao general Ozorio pelo Illm. Sr. Jose Ferreira Leal Braga já sobe a quantia de 50:408:500;

—que publica-se tambem em Pariz um periodico sob o título de “Revista de Medicina”, escripto em portuguez e publicando não só as actas da academia de medicina de Pariz como trabalhos originaes sobre a sua especialidade;

—que acha-se publicado em folhetos e tem obtido louvores pelo bem acabado das scenas que pinta e das paixões que descreve uma ode sob o título “Rodolpho” do conselheiro J. C. Bandeira de Mello;

—que dous dramas ineditos de Victor Hugo achão-se annunciados para serem representados em um theatro de Pariz no anno vindouro: o “Torquemada” e o “Cromwell”;

---que será brevemente representado em Liège o drama de V. Hugo. “Ruy Blas”, sendo o auctor convidado para assistir e dirigir os ultimos ensaios, a cujo convite deixou de acceder por ter em 1871 sido expulso da Belgica;

—que tem sido distribuidos pelas provincias diversos regulamentos para a arrecadação de novos impostos;

- -que o notavel explorador francez conde de Semellé, official de “turcos” do exercito da Africa, regressou a Pariz, depois de peripecias e perigos enormes, tendo visitado a bacia de Niger e uma grande parte dos imperios de “Soudan” e Nappé, regiões quasi desconhecidas para a sciencia e para a geographia;

---que o processo de cremação é já adoptado nos Estados Unidos, sendo ultimamente encinerado o Dr. Julius de Moyne, levando o processo seis horas para a realisação da completa cremação;

---que morreu em Florença, o poeta italiano Emilio Trullani, que havia proposto a celebração do centenario de Dante, a que se associou toda a Italia.

SECÇÃO LITTERARIA.

Abrimos a nossa secção litteraria desse numero com uma carta que dirigio-nos o nosso distincto amigo—Sr. Dr. Caetano Filgueiras.

Penhorados pelas expressões com que se dignou S. S. acceder á nosso convite para acompanhar-nos na tarefa que empreendemos, folgamos por dar ao publico conhecimento da missiva do illustre cantor dos “Idilios”, onde sua penna facil e fertil faz a apologia merecida de um dos mais raros dons na natureza.

Improvisão.

CARTAS AO REDACTOR CHEFE DA «IDEIA»

Meu charo Redactor.

Chamado de improvisação a cooperar com V. S. no grato e louvável empenho da redacção da «Ideia», essa tetéia litteraria que a Parahyba deve ao seu bello talento e pertinaz patriotismo, eu não podia oppôr um--não--a quem tão util e meritoria tarefa está desempenhando com magistral galhardia.

Conte-me, pois, entre os collaboradores do seu catita jornalzinho, do qual pode e deve a sua terra colher, sem antithese e sem antiphrase, fructos gigantes.

Mas não foi tão somente a satisfacção de um dever de cortezia, que ahi fica cumprido como pude, o impulso que me trouxe ao prélo. Venho tambem lembrar-lhe que me tomou de improvisação, que de improvisação arvorou-me em redactor, que me pediu collaboração de improvisação e que, ao influxo de tanta delicadeza e de tanta pressa, eu não podia corresponder sinão com um artigo igualmente improvisado. Mas como V. S., exigindo de mim tão rapidos vãos, parece ou esquecer-se das alturas do improvisação, ou persuadir-se de que tenho azas,---eu um pobre peão das romarias litterarias,--seja o improvisação o proprio assumpto desta desprezenciosa missiva, e busque a reminiscencia, esgaravatando nos archivos desordenados da memoria, satisfazer o amigo, não obrigando o publico a maldizer da ideia que teve V. S., em hora caipora, de acrescentar aos de seus companheiros de redacção o nome do rabiscador destas linhas.

Devo dizer-lhe, meu charo sr. redactor, que, si ha dom concedido pela Providencia ao ser humano que mereça, por justo titulo, sincera e universal admiracção é, por certo, o dom de «improvisar».

Quem diz: «improvisar», diz: concepção, ideia, forma, harmonia, arte, conteúdo, memoria, espirito,--creados, vestidos, enroupados e exhibidos 'num minuto, 'num segundo n'um ápice! O que falta para um milagre?

Era exactamente por isso que a antiguidade quasi endeusava os seus improvisadores, tendo-os na conta de prophetas, augures, sybillas, arbitros dos destinos de nacionalidades inteiras, e, não raras vezes, intermediarios dos decretos da divindade.

E havia rasão para esse culto. Assim como dizem os italianos: «traduttore--traditore» podemos nós dizer, com, muito maior plausibilidade: «improvisação--imprevisto», e fallar do futuro como quem le no passado, allumiando com o facho da inspiração as trevas do porvir como se allumia com a lanterna da memoria os subterraneos em que guardam as edades os factos consummados, si não é apanagio divino, não o é por certo humano.

Dava, pois, prova de bem avisada antiguidade em conferir fóros de sobre-humano ao dom de improvisar, e é, talvez em confirmacção desta verdade, que os reis e imperadores, ainda hoje de tal ou qual natureza «divina», são no tempo presente os melhores e maiores improvisadores de ministerios, situações politicas e outras gerigonças constitucionaes. Não fossem elles de sangue azul e illuminados pela graça de Deus... e eu lhe diria!

Mas, meu charo, deixemos de lado todos estes e outros improvisos prosaicos, que me levariam mais longe do que intento e comportam as columnas da sua gentil «Ideia», e vamos occupar-nos dos improvisos poeticos, genero divertido e innocente que, sem tirar nada ao valor do improvisador, é compativel com a liberdade e com o despotismo, com a inquisição e com a democracia, com o passado e com todos os tempos.

E' assim que vemos no tempo de

D. João III de Portugal, em pleno governo de um só Rei, e esse «Nosso Senhor», no proprio palacio real, entre a luzida nobresa do reino, destacar-se um dia o vulto gigante de um improvisador, que a admiração geral arrancára das ruellas e das tabernas onde continuamente vivia e bebia para leval-o ao Paço, e zhi coberto de andrajos e sem nome, sobrepujar pelo talento e pela inspiração a um dos primeiros monarchas de que falla a historia, naquelle momento bem amesquinhado pelo genio do pobre milagroso!

O rei era tido em cheiro de sabio e de poeta: era alem disso orgulhoso; e o affirmarem-lhe todos os cortezaos que havia em Lisbôa um homem (e esse borracho e andrajoso) capaz de improvisar glosando qualquer motte que lhe dessem á queima roupa por mais hybrido ou inconsonavel que fosse... fazia-lhe certas cocegas que o não deixavam tranquillo sem que, por interferencia propria, desbancasse o poeta, desconcertasse o improvisador, e desmentisse a fama. Quiz, pois, ver e confundir o preconizado repentista, premunindo-se de um motte tão incongruente e difficil que lhe assegurasse prompta e infallivel victoria. E com effeito, apenas em presença do --avinhado improvisador dice-lhe o soberano de subito e sem preambulo;

--Glosa lá este motte:

« A mais formosa que Deus! »

—Ora é só isso? replicou immediatamente o repentista, procurando fixar no rei os olhos annueados pelos vapores baccicos.—Sim? Pois então saiba vossa magestade que:

Com duas dozellas vim,
hontem, de uma romaria.
Uma...feia parecia;
outra... era um seraphim!
E, vendo-as eu assim,
sós, sem os amantes seus,

perguntei-lhes: Anjos meus!
Quem vos poz em tal estado?
Dice a feia—que o peccado;
a mais formosa,—que Deus!

Applausos unisonos, como triplice bateria maçonica, cubriram o ultimo verso!

E era justo. Não podia ser mais estrondoso o triumpho do feliz repentista!

'Num segundo de tempo, e só com as armas de um improviso, um misero borracho derrotára o soberano mais poderoso d'aquelle seculo!

A virguia do poeta valera mais que o sceptro do monarcha.

Como vê, meu charo redactor, serviu o improviso no caso que lhe narro, tal qual me suggere a memoria haver lido no velho classico Padre Manuel Bernardes, de valente clava para abater o orgulho de um potentado da terra.

O rei D. João III, com ser faustoso monarcha, não deixou de aprender á sua custa que o improviso é algumas vezes correctivo dos grandes, e nas mãos do plebeu arma preciosa que cumpre venerar.

Fosse-lhe dada a longevidade de Mathusalem, e a felicidade de viver muito depois para conhecer e practicar com o impagavel repentista Nicoláu Tolentino, e esse mesmo monarcha havia de convencer-se "proprio visu" de o improviso tambem serve, sob a forma espirituosa de epigramma, para castigar com o latego do ridiculo a ignorancia imprudente que se mette a chalacear com os poetas repentistas e criticos,

Foi assim que, em casa que frequentava Nicoláu Tolentino, em Lisboa, achando-se um dia á meza do jantar com outros convivas ficou-lhe fronteiro e apenas intervallado por um enorme prato de alface, um livreiro que tanto tinha de glotão, quanto de mettedico. E, graças a estes dous predicados, não só o prato das alfaces esvasiava-se

rapidamente como, de bocca cheia e a soltar perdigotos, instava lorpamente o tal livreiro com o poeta, nesse dia macambusio e pouco disposto a pieguiças, para que poetasse como costumava.

Vamos, exclamava a cada passo o livreiro mal contendo nas bochechas a folhagem de que estavam repletas, vamos, Sr. Tolentino, diga-nos alguma cousa, faça um verso! Então... seccou-se-lhe a veia?

E perorava esta pergunta com uma risada alvar, que levava em fito chasquear do poeta a quem acreditava apanhar em falta de estro. Coitado!

Nicoláu Tolentino, saciado de atural-o, ergueu então a cabeça, fitou o livreiro imprudente e dice-lhe:

—Ah! o Sr. quer que lhe faça um verso? Pois seja: la vae versô:

Levou um livreiro a dente
de alface todo um cauteiro;
e comeu,—sendo livreiro,
desencadernadamente.
Mas quem dicér que desmente
seu modo de trafegar,
deve antes se lembrar
que trabalhou como um mouro;
pois metter folhas no couro...
tambem é encadernar!

Imagine, meu charo redactor, o effeito desta metralhadora! Gargalhada homérica e geral, pedidos de "bis" copias tiradas alli mesmo, animaram aquella scena de franca e ruidosa alegria com a qual só contrastava o carão enfiado e comprido do malaventurado livreiro, heroe da festa!

Agora, porem, reparo em que o gosto da palestra levou-me mais longe do que me era licito. Fecho, portanto esta minha primeira carta com essa glosa modello que nasceu de improviso, mas ha de durar por toda a eternidade....da imprensa.

Do seu amigo e venerador.

DR. C. FILGUEIRAS.

Parahyba, —Dezembro—1879,

George Sand.

(Continuação)

Não podião as doutrinas paradoxaes d'aquelle tempo occupar unicamente tão rica e ardente imaginação.

O catholecismo tocou um dia este grande espirito e tirou d'elle como de uma harpa os sons divinos da mais divina poesia.

As harmonias do orgão santo fallarão-lhe a alma em linguagem tão seductora que vencerão-lhe o coração, e, erão tão elevados os arrebatamentos de seus extasis junto dos altares do Senhor, que ella entrevia os esplendores magnificos de sua gloria.

Laços de familia vierão afastal-a da clausura monacal para entregal-a aos jugos do gynecéo.

Amantina casou aos 17 annos com o barão Dudivant, homem já não moço, de character rispido, de prazeres positivos, querendo achar na familia o regimem militar a que estava habituado.

Eu não desejo afastar-me do assumpto d'esse escripto para perder-me em considerações á cerca do casamento que me levarião, sem duvida, muito alem do meu intento, entretanto, direi sempre de passagem: que, si um dia o moralista e legislador entrar no lar domestico em procura da mulher, ou antes em busca do sofrimento para, trazendo-a a luz das instituições livres, fazer-lhe legado do mais santo apostolado: a fraternidade humana, o qual junto ao da liberdade e ao da igualdade faz uma trindade divina fundida em uma unidade universal que é a mais bella aspiração dos povos, a mais sublime verdade da civilisação moderna, direi, repito, que é ali na vida que